

# Cartografia de memórias polifônicas: sentidos da migração de professoras para Melgaço (PA)\*

Ilca Pena Baia Sarraf\*\*  
Agenor Sarraf Pacheco\*\*\*  
Albêne Lis Monteiro\*\*\*\*

## Embarque

[...] o porão ‘é, a princípio, o ser obscuro da casa, o ser que participa das potências subterrâneas’. [...] Nesse lugar aparentemente obscuro, a ‘racionalização é menos rápida e menos clara; nunca é definitiva’. (Bachelard, 2003 apud Veiga-Neto, 2012, p. 269).

Mas quem disse que a cartografia só pode representar fronteiras e não construir imagens das relações e dos entrelaçamentos, dos caminhos em fuga

---

\* O artigo é resultado de investigação desenvolvida em dois distintos momentos. Em 2003, Agenor Sarraf Pacheco realizou entrevistas com as três professoras para redigir sua dissertação de mestrado, defendida em 30 de abril de 2004 no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (Puc-SP), financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Já em 2013/14, Ilca Pena Baia Sarraf, aluna em fase de conclusão de sua dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade do Estado do Pará (Uepa), com bolsa da Fundação Amazônica de Amparo a Estudos e Pesquisas do Pará (Fapespa), retomou e ampliou o acervo dessas narrativas.

\*\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Uepa, na linha de pesquisa Formação de Professores, sob a orientação da prof.<sup>a</sup> dr.<sup>a</sup> Albêne Lis Monteiro. E-mail: ilcasarraf@yahoo.com.br.

\*\*\* Doutor em História Social (Puc-SP) e professor adjunto da Universidade Federal do Pará (UFPA), atuando nos Programas de Pós-Graduação em Antropologia e História Social da Amazônia. Diretor do Arquivo Público do Estado do Pará (Apep). E-mail: agenorsarraf@uol.com.br.

\*\*\*\* Doutora em Educação (Puc-SP) e professora associada da Uepa, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação, na linha de pesquisa Formação de Professores. E-mail: albenelis@uol.com.br.

e dos labirintos? [...] nossos mapas cognitivos chegam hoje a outra figura, a do arquipélago, pois, desprovido de fronteira que o una, o continente se desagrega em ilhas múltiplas e diversas que se interconectam. (Martín-Barbero, 2004, p. 12-13).

**A proposta de Veiga-Neto, inspirada em Bachelard**, ao explorar a metáfora do porão como lugar não apenas do desconhecido, imprevisível, mas também do encontro com memórias profundas que podem explicar a trilha da experiência humana, ajuda-nos a pensar caminhos para cartografar sentidos atribuídos por Wilma Vilar, Maria Dilma Corrêa e Rosiete Siqueira, oriundas da região do Salgado, mais precisamente dos municípios de Marapanim e Colares, ao deslocamento realizado para o município de Melgaço, no ocidente marajoara, a partir da década de 1980.

Os caminhos sugeridos por Martín-Barbero em torno do desafio de navegar sem rotas traçadas *a priori*, mas como rios abertos a diferentes igarapés, concatenados a renovadas formas de explorar a história oral, motivaram a busca de razões que fizeram essas três mulheres paraenses se deslocarem de Belém, depois de já terem deixado sua terra de origem, no intuito de iniciar a trajetória docente em Melgaço.

Para reconstituirmos sinais significativos do movimento que nos levou à escuta das histórias de vida das professoras migrantes, cruzando cartografia, história oral, memória, migração e docência, a carta náutica de nossa viagem orientou a problematizarmos, nos compartilhamentos e sociabilidades “entre-vistas”, sentidos aflorados no presente pelas professoras migrantes no ato da rememoração do deslocamento experienciado.

O desafio de rememoração levou essas docentes ao encontro com dimensões do passado vivido dinamicamente. Com isso, trouxeram à tona vivências alinhavadas à luz de inquietações e avaliações do presente, criando ou projetando perspectivas para o futuro (Thomson, 1997). Como pensa Alarcão (2004, p. 9),

[...] a narração das histórias de vida permite remexer o passado, reordená-lo, contextualizá-lo no tempo, no espaço e no contexto de cada indivíduo, entretecê-lo na teia da história – a história de uma pessoa – e compreendê-la na sua natureza multifacetada.

Conosco não foi diferente. Ao viver com as professoras a pesquisa, os momentos de rememoração também afloram em nós muitas lembranças comuns. Nossas histórias, em certas situações, foram bem parecidas. Vivemos momentos especiais, fomos alunos e colegas de trabalho, o que possibilitou um forte laço de amizade, carinho e respeito.

A terra de chegada das professoras migrantes, Melgaço, por ser um espaço conformado por rios, florestas, terras firmes e várzeas (Sarraf Pacheco, 2006), faz pensar na mobilidade e nos desafios que envolvem o ato de escavar memórias deitadas ou fertilizadas pelo regime das águas marajoaras. Nesse percurso, muitos desafios e emoções foram colocados em vivências. Assim, é possível concordar que

[...] pesquisar talvez seja mesmo ir por dentro da chuva, pelo meio de um oceano, sem guarda-chuva, sem barco. Logo, percebemos que não há como indicar caminhos muito seguros ou estáveis. Pesquisar é experimentar, arriscar-se, deixar-se perder. No meio do caminho, irrompem muitos universos díspares provocadores de perplexidade, surpresas, temores, mas também de certa sensação de alívio e de liberdade do tédio. (Oliveira; Paraíso, 2012, p. 161).

Dispostos aos desafios do embarque, porque mesmo de origem marajoara, nascidos no interior do município de Breves com muitos anos de moradia em Melgaço, mas atualmente radicados em Belém, trafegamos rios amazônicos para escutar as vozes das professoras. Nos rios, aqui constituídos como símbolo de representação do campo multifacetado e sinuoso da pesquisa com a cartografia e a história de vida, vivemos angústias, sentimos alegrias, encontramos obstáculos, mas também diálogo, orientação, troca cultural e descoberta com a literatura especializada; ensinamentos de pesquisadores e amigos dispostos a comungar conhecimentos fizeram o percurso transformar-se em tempos de aprendizagens.

Nas teias desse enredo, para evidenciar mais adequadamente a perspectiva teoricometodológica<sup>1</sup> adotada, que possibilitou ouvir, interagir e tentar interpretar aspectos das histórias de vida das professoras migrantes, captadas em entrevistas realizadas em dois diferentes momentos pelos dois primeiros

---

1 A palavra construída sem hífen está baseada na crítica ao modelo dual teoria x metodologia, teoria x prática, teoria x empiria, saber x conhecimento.

autores deste artigo, centramo-nos especialmente nos complexos sentidos da migração, chegada e vivência em Melgaço. Assim, as transcrições realizadas por Agenor Pacheco em 2003 foram devolvidas por Ilca Baia Sarraf às interlocutoras em texto impresso para avaliarem as memórias expostas, uma década depois. Após o retorno das narrativas, que motivaram as professoras a socializar outros eventos reelaborados pelos olhares do tempo presente, a pesquisadora promoveu diferentes escutas com essas e outras duas docentes, Jurema Pacheco Viegas e Fátima Rodrigues, fundamentada na cartografia e na história de vida, ampliando o acervo de memórias das professoras migrantes de Melgaço.

Frente ao exposto, o artigo foi organizado em três partes, além das considerações finais, intituladas por nós de *Desembarque* porque construímos a metáfora da pesquisa como viagem. Assim, na próxima seção apresentaremos o campo da cartografia e da história de vida como possibilidade para realizar e fazer avançar a pesquisa em história oral, evidenciando processos de afloramento e composição de memórias das professoras migrantes. Em seguida, permitiremos as escutas das histórias dessas professoras, que recuperaram importantes dimensões de sua trajetória e construção identitária para, então, mergulharmos nos plurais sentidos da migração, esforçando-nos por tecer uma narrativa polifônica e intersticial de vozes intelectuais e vozes migrantes.

## Cartografia & história de vida em educação

[...] tentaremos colocar em foco, ‘navegando por dentro’, o perfil e, se possível, a fisionomia dos componentes, como também a dinâmica dos labores, os encontros e desencontros, quiçá conflitos, daqueles que, junto comigo, constroem, paulatinamente, este trabalho. (Tanus, 2002, p. 97).

A convivência com as professoras e a escuta de suas histórias explicam nosso desejo de registrarmos razões que as levaram a migrar para Melgaço. Igualmente, ao mapearmos trabalhos com a temática *mulher, educação e migração*, deparamos com uma certa carência de estudos até os anos 1990. Almeida (1998), ao refletir acerca da relação entre mulher e educação no Brasil, revela a batalha do sexo feminino por postos de trabalho. A esse respeito, em outra publicação, a autora esclarece: “O fato de não terem amplo acesso

às demais profissões fez do magistério a opção mais adequada para o sexo feminino, o que foi reforçado pelos atributos de missão e vocação, além da continuidade do trabalho do lar” (Almeida, 2004, p. 77).

Nesse sentido, se a carência desses estudos, denunciada por Almeida há quase duas décadas, já sofreu mudanças com a emergência de novas investigações, no mundo amazônico essa temática, voltada para compreender o movimento trilhado por professoras migrantes, ainda está por ser construída.<sup>2</sup> Ao visarmos contribuir com a tessitura do mapa de pesquisas sobre a temática, importante para o campo da história da educação, traçamos um percurso teorico-metodológico que procura inter-relacionar perspectivas da cartografia e da história de vida para compreender motivações que levaram as professoras à prática migratória e, nesses meandros, apreender sentidos do deslocamento.

O conceito de cartografia nesse texto fundamenta-se em escritas de intelectuais do campo filosófico (Deleuze, 1995), sociológico (Santos, 2010), comunicacional (Martín-Barbero, 2004) e da crítica literária e cultural (Bhabha, 2003), os quais, questionando as dualidades da ciência moderna e as concepções convencionais de produção do saber acadêmico, possibilitam pensar, registrar e refletir a complexidade dos caminhos que trilha uma investigação científica humanizadora e inclusiva. Por esse enredo, trabalhamos com a compreensão de cartografia como campo teorico-metodológico não linear, processual, rizomático, múltiplo. Ela envolve a construção de conhecimentos sem divisões, valorizando intersecções e interculturalidades. Por meio do mapeamento, interpretação, reflexão e ação, a cartografia gesta conhecimentos nas interfaces de teorias nômades com diferentes memórias, com seus sentidos, usos, significações e processos de produção.<sup>3</sup>

Em Deleuze (1995, p. 21), por exemplo, “[...] a cartografia surge como um princípio do rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática, sua pragmática, um princípio inteiramente voltado para uma experiência ancorada no real”. Ao se propor a romper fronteiras estabelecidas pelo pensamento abissal (Santos, 2010), a cartografia adotada procura operar com uma outra gramática nas etapas da pesquisa. Evitamos termos como *dados*,

---

2 A partir de pesquisa em bancos de teses e dissertações nos Programas de Pós-Graduação em Educação no Brasil ou sites de busca, encontramos Tanus (2002), Nobre (2009), Alexandre (2011), Campos (2011).

3 Duas importantes dissertações de mestrado em Artes tematizando vivências e estéticas do mundo marajoara, orientadas por Agenor Sarraf Pacheco, utilizaram a cartografia como campo teorico-metodológico. Trata-se dos trabalhos de Jardim (2013) e Simões (2014). O modo como as pesquisadoras envolveram-se com a realidade pesquisada inspira nossos caminhos investigativos.

*sujeito-objeto, procedimentos, técnicas*, entre outros, por fazerem parte de um sistema de pensamento científico que negou ao outro a arte da escrita e da vida (Hissa, 2013).

Nesse contexto, Homi Bhabha (2003) adepto do fazer cartográfico,<sup>4</sup> refletindo sobre o tempo de formação da nação moderna para esclarecer que ela se constituiu nas teias de deslocamentos, diásporas, exílios, línguas e culturas diversas, reunindo margens de culturas “estrangeiras” em fronteiras, incisivamente orienta: “Precisamos de um outro tempo de *escrita* que seja capaz de inscrever as intersecções ambivalentes e quiasmáticas de tempo e lugar que constituem a problemática experiência moderna da nação ocidental” (Bhabha, 2003, p. 201).

Optamos pela cartografia por valorizar todo e qualquer registro, seja ele oficial ou popular, tal como ensina a história cultural (Burke, 1992, 2005). Entre esses registros, narrativas orais de professoras migrantes ganham forte representação por permitirem valorizar roteiros de vida que ficaram, quase sempre, no anonimato ou reduzidos a dados estatísticos em escrituras oficiais. A despeito do encanto com a riqueza dos percursos profissionais e pessoais, a cartografia interessa-se por captar conflitos, negociações, afetividades, posicionamentos políticos, religiosos, sociais e por contribuir com o campo das pesquisas em educação, ao valorizar histórias de vida de professoras migrantes a partir de um mergulho no universo das memórias em suas complexidades de constituição no ato da entrevista.

De acordo com Burnier et al. (2007, p. 344), a pesquisa em educação, a partir dos anos 1990, voltou-se para o campo teoricometodológico da história de vida. Com isso, “[...] tem contribuído para uma melhor compreensão da condição docente, na medida em que renova as teorizações e os dispositivos de pesquisa e formação profissional”. Trabalhar, então, com esse universo de pesquisa permite acompanhar percursos pessoais, profissionais e práticas vividas em coletividade, mas apreendidos a partir da ótica e subjetividades das próprias entrevistadas que constroem sentidos para a vida no processo de relembração.

---

4 A vinculação de Homi Bhabha ao campo teoricometodológico da cartografia explica-se pelo modo como o intelectual indo-britânico, uma das vozes mais ouvidas atualmente no campo do pensamento pós-colonial, problematiza as heranças da modernidade cartesiana, iluminista, racional e letrada na construção do conhecimento acadêmico. Assim, o lugar da enunciação dos sujeitos nas diferentes evidências do passado deve ser analisado em sua multiplicidade e ambivalência para captar o trivial, o invisível e, então, compreender as estratégias de silenciamento e enquadramento do outro pela escrita dominante.

Nessa perspectiva, Abrahão (2004) considera que a história de vida desencadeia um conjunto de reflexões capaz de despertar sentimentos e motivar tomadas de iniciativa na vida da própria pessoa que narra. Assim, explica:

A história de vida narra-nos a viagem ao longo da existência individual. Insere o ser biológico nos contextos físicos e sócio-culturais e reconhece a sua interactividade. Revela-nos o que aconteceu e o que, dos acontecimentos, se reteve. Dá visibilidade à personalidade da pessoa em foco, manifesta os seus anseios, as suas realizações. Mas também as suas frustrações. Revela ideais e valores. Como todos sabemos é bem menos frequente que sejam desocultados os fracassos como se esses tivessem sido apagados da memória ou impedidos de se manifestarem. (Abrahão, 2004, p. 9).

O relacionamento iniciado desde o primeiro embarque entre cartografia e história de vida na análise das rotas pessoais e profissionais construídas pelas professoras migrantes em intercâmbios estabelecidos entre si, com alunos e com a comunidade melgacense, ajuda a apreender significações de narrativas em relacionais e intrincados movimentos. Nessa teia, frustrações, sonhos rompidos e conflitos diversos misturam-se a realizações profissionais, sociabilidades e fortes laços de amizade com o outro e com o lugar.

Para extrair significações das narrativas que fazem parte do *corpus* da pesquisa a partir da orientação teorico-metodológica da cartografia e da história de vida, buscamos na análise “compreensiva-interpretativa” desvelar e apreender discursos, ações e percursos de *know-hows* expressos nas memórias narradas pelas professoras migrantes.

Souza (2014), fundamentado em Poirier et al. (1999) e Ricoeur (1996), apreende a análise compreensiva-interpretativa como uma relação de colaboração entre pesquisador e interlocutor para o alcance das trajetórias planejadas. O autor entende esse método interpretativo como um processo de constante “investigação-formação” estabelecido no ato de recordar “[...] conhecimentos e aprendizagens individual/coletiva construída ao longo da vida” (Souza, 2014, p. 43).

No desejo de melhor explorar o conteúdo das narrativas das professoras a respeito dos sentidos que atribuem no presente às suas experiências de migração na década de 1980, em sintonia com seus contextos geo-históricos e culturais, seguimos Souza (2014, p. 46) na orientação “dos três tempos de análise: a) pré-análise e leitura cruzada; b) leitura temática; e c) leitura

interpretativa-compreensiva”. Desse modo, a pesquisa inspirada nessa perspectiva foi produzida em colaboração com as professoras migrantes, as quais, entre outras identidades, assumem na escrita do texto o papel de coautoras do trabalho.

Para estabelecer diálogos com as professoras migrantes, recorreremos à orientação de Oliveira (2005) ao explorar a metodologia da história oral para compreender a simbiose entre migração e (re)construção identitária na docência. Via processos de afloramento de memórias, a autora enfatiza:

[...] o processo de reavivamento das lembranças através de um trabalho mais refinado da memória é visualizado nos projetos de investigação/formação de professores. Os baús, as caixinhas e os álbuns, ao serem trazidos para o trabalho de escrita autobiográfica, ou no momento da entrevista, permitem que as pessoas reconstruam imagens com mais detalhamento e sentimento. (Oliveira, 2005, p. 96).

O ato de rememorar é uma intervenção no caos das imagens guardadas. Quando as professoras acionam suas lembranças dos atos migratórios, há um enorme esforço para selecionar e organizar as que consideram mais significativas. Nesse processo, o passado, o presente e o futuro se entrelaçam, tornando difícil separar seus fios (Maluf, 1995). Na mesma perspectiva, Bosi (2003, p. 53) afirma que “A memória é, sim, um trabalho sobre o tempo, mas sobre o tempo vivido, conotado pela cultura e pelo indivíduo” e, ainda, “[...] do vínculo com o passado se extrai a força para a formação de identidade” (Bosi, 2003, p. 16).

A interação com reminiscências de memórias narradas pelas professoras migrantes permitiu desembarcarmos em suas histórias de vida, um terreno plural, heterogêneo e móvel, o qual se refaz à proporção que as lembranças são acionadas e recontextualizadas à luz das indagações do presente. Nessa viagem, foi necessário promover “uma troca de olhares” (Portelli, 2010, p. 20) que exigiu a construção de laços de confiança. Na dinâmica do percurso, seguimos ainda orientação de Portelli.

Uma entrevista é uma troca entre dois sujeitos: literalmente uma visão mútua. Uma parte não pode realmente ver a outra a menos que a outra possa vê-lo ou vê-la em troca. Os dois sujeitos, interagindo, não podem agir juntos a menos que uma espécie de mutualidade seja estabelecida. (Portelli, 1997, p. 9).



Amado e Ferreira (2001) também apontam ser necessário um primeiro contato com o informante para socializar os interesses do pesquisador e situá-lo a respeito de sua colaboração no processo de investigação. Orientações de Alberti (1989) concatenam-se à nossa compreensão sobre a postura que se deve adotar em relação ao retorno das narrativas aos entrevistados como componente fundamental para estreitar o diálogo:

É a continuidade da relação entre entrevistado e entrevistador que permite a ambos se conhecer melhor, estabelecer pontes e aproximações entre o que foi dito em sessões diferentes, identificar as peculiaridades de cada um e as situações que parecem conduzir a um diálogo mais proveitoso para o objetivo comum: enfim, é a continuidade da relação que muitas vezes permite criar as condições de sucesso de uma entrevista. (Alberti, 1989, p. 71).

Nossa postura foi a de retornar as narrativas às professoras, para possibilitar avaliações do que socializaram de seus “baús de memória”.<sup>5</sup> A oportunidade de lerem o oral deitado no papel permitiu a elas realizarem reflexões, retirarem ou complementarem aspectos que consideraram importantes para a compreensão de suas histórias de vida. O exercício possibilitou ainda acompanharem o desfecho de suas carreiras e certificarem-se da integridade da transcrição.

As professoras migrantes constituíram a parte mais significativa de sua trajetória profissional em Melgaço e contribuíram para a consolidação da educação básica do município nas três últimas décadas. Para uma melhor compreensão do sentido dessa trajetória pessoal e profissional, adotando o entendimento de que a composição textual precisa ser conscientemente polifônica (Fiorin, 2003) e atentos à problematização de Costa (2014, p. 2) de que “[...] nessa viagem dialógica propiciada pela interpretação, a subjetividade do pesquisador e a do narrador debatem, gerando um conflito de interpretações”, abriremos espaço em nossa escritura para que as professoras migrantes possam se apresentar e falar um pouco sobre si, num exercício de narrativa autobiográfica polifônica e memórias orais por nós captadas e traduzidas em seus próprios termos.

---

5 A expressão remete a pensar o baú como território de movimentadas e caóticas lembranças compartilhadas, mas reconstituídas no presente pelos filtros da personalidade de cada narrador(a). À medida que uma pessoa esforça-se por lembrar, remexe seu baú de memórias, criando outros sentidos para as experiências vividas. Portanto, o baú não é um objeto fixo: assim como as memórias são reconstruídas, sua feitura se refaz nas movimentações produzidas pela consciência humana em tempo e espaço determinado.

## Narrar é interpretar: vozes migrantes

Alessandro Portelli (1996, p. 1) explicita que “[...] o principal paradoxo da história oral e das memórias é, de fato, que as fontes são pessoas, não documentos”. A constatação exige refletir com que repertórios e subjetivações as professoras migrantes produzem lembranças da vida nos lugares de destino. Certamente, os filtros biológicos, psicológicos, materiais, culturais e simbólicos se conectam na socialização das lembranças. A autoridade da narrativa oral traz implícita, nesse enredo, a capacidade de organizar, refletir e avaliar o que desejam publicizar da vida pessoal e profissional. Portelli, então, mais uma vez é esclarecedor para fundamentar o modo como encaramos a feitura dos conteúdos da entrevista em história oral. “Pois, não só a filosofia vai implícita nos fatos, mas a motivação para narrar consiste precisamente em expressar o significado da experiência através dos fatos: recordar e contar já é interpretar” (Portelli, 1996, p. 2). Nesse entendimento, permitiremos a partir de agora que, simetricamente, as professoras assumam a autoria do escrito, alternando-se com nossas traduções, logo interpretações, do conteúdo socializado.<sup>6</sup>

*Sou Raimunda Wilma Corrêa Vilar, nasci em 30 de agosto de 1952, em um pequeno vilarejo chamado Marudá, pertencente ao município de Marapanim. Com 16 anos tinha apenas a 4ª série, minha mãe, então, resolveu montar um pequeno comércio e dar-me de presente para que eu pudesse construir minha vida. Trabalhei dois anos nesse comércio e, durante esse período, apesar das orientações da mamãe para voltar a estudar, não me interessei em retornar à escola. Fiquei grávida e, depois do nascimento do meu filho, conheci uma senhora que morava em Belém e que, por passar férias em Marudá, hospedava-se em uma das casas da minha mãe. Essa senhora chamava-se Leticia e me convidou para morar com ela em Belém. Trabalharia como doméstica e voltaria a estudar.*

Naquele contexto de juventude, Wilma, por não ser mais sozinha, resolveu migrar para Belém com o sonho de conseguir dar uma vida melhor para

---

6 Para considerar a autoridade do entrevistado na narrativa escrita, dada comumente ao pesquisador, neste artigo não faremos o recuo quando trouxermos as memórias das professoras migrantes, apenas faremos a diferenciação entre itálico e normal. A preocupação das pesquisas em história oral sobre a autoria e pessoalidade do texto acadêmico aproxima-se da crítica feita pela antropologia pós-moderna às etnografias clássicas. Sobre essa questão, na ótica antropológica, ver Clifford (1986). Exercício interessante produzido na direção do compartilhamento não apenas da escrita, mas também da publicação, pode ser lido em Rodrigues e Goldman (2011).

o filho. Sua mãe ficou com a criança, ela foi com dona Letícia ser empregada doméstica e aproveitar a oportunidade para estudar. Trabalhou, estudou e conseguiu concluir o antigo 1º grau, morando por muito tempo na casa daquela senhora. Depois dona Letícia mudou-se de estado e Wilma Vilar passou a morar com Alberto, parente de dona Letícia, exercendo a mesma profissão, empregada doméstica.

*Depois que concluí o 1º grau, fiz o teste de seleção para entrar na escola de 2º grau e escolhi fazer o curso de magistério. Aprovada, comecei a estudar no Instituto de Educação do Pará (IEP). No primeiro ano do magistério, novamente troquei de moradia, só que, dessa vez, apesar de continuar como doméstica, ganhava meu salário e comecei a ajudar minha família. Quando estava terminando o 3º ano, conheci um senhor chamado Jair, que era juiz no município de Melgaço. Como ele admirava, imagino, meu esforço, dedicação e responsabilidade, perguntou se eu gostaria de exercer a docência em Melgaço, explicando como era o lugar e quais eram as condições que a gestão pública garantia aos professores.*

Foi, então, em 1982, que a professora Wilma pela segunda vez resolveu migrar, só que agora com um diferencial: já estava formada e ia exercer a profissão que escolheu para trabalhar, porém, não pensava ser em terra tão distante da sua. Em Melgaço, ela construiu toda a sua carreira na docência, assim como a parte mais significativa de sua história de vida. Formada em magistério, Wilma Vilar, na sua trajetória docente, licenciou-se em História pela Universidade Federal do Pará (UFPA) – Campus de Soure – e especializou-se em Gestão Escolar pela Universidade da Amazônia (Unama). Há alguns anos, conseguiu a aposentadoria pela esfera estadual e, recentemente, alcançou a aposentadoria pela esfera municipal.

Nossa segunda entrevistada é a professora Dilma. *Sou Maria Dilma Corrêa. Antes de começar a falar sobre minha história de vida, gostaria de dizer que estou muito feliz em participar dessa pesquisa sobre as professoras migrantes de Melgaço. Bem, eu nasci no dia 18 de fevereiro de 1955, no município de Colares. Como sou filha de pais separados, fui criada com meus avós maternos, Marcelino e Maria. Vivi em Colares até os 14 anos de idade. No município, estudei até a 4ª série. Continuar a estudar era meu grande objetivo, mas para fazer isso precisei me afastar de minha família e ir morar em Belém na casa de uma família bem-sucedida e amiga de meus avós.*

A professora Dilma encontrou todo o apoio para estudar. Ela não aprendeu somente o conhecimento escolar, mas também muitos afazeres da vida

cotidiana. Com essa família viveu três anos; depois, em virtude de mudar de colégio, foi morar na casa de uma tia. Na nova residência nossa entrevistada viveu vários desafios. Além de estudar, tinha que trabalhar na casa, e as exigências de sua tia eram tantas, que a levaram à reprovação na disciplina de Educação Física, ministrada no contraturno.

Ao sentir-se prejudicada em seus estudos e com a permissão de seus avós, Dilma resolveu morar com uma prima. Fez o curso científico e começou a trabalhar no comércio em venda de confecções e depois em vários outros tipos de trabalho; apesar do cansaço, gostava de sua profissão. *Ali comecei a me estabilizar. Minha vida financeira passou a melhorar e com o salário que eu ganhava também ajudava meus avós, mas resolvi continuar a estudar e fui fazer justamente o curso de magistério. Trabalhava durante o dia e estudava à noite. Com isso, consegui concluir aquela formação. E assim, em um encontro casual com uma professora de Melgaço, tomei conhecimento de que ela estava saindo do município e fez-me um convite para assumir a docência lá, apresentando possíveis vantagens que uma profissional da área de educação teria naquela terra marajoara.*

Encantada com a possibilidade de se estabilizar profissionalmente, aceitou o convite. Em 1982, a professora Dilma chegou a Melgaço para viver, pela primeira vez, a experiência docente. Nesses longos anos de trabalho nesse município, conseguiu licenciar-se em Matemática pela Universidade Federal do Pará – Campus de Soure. Atualmente está aposentada pelo estado e em processo de aposentadoria pelo município.

Na conformação dessa polifonia de vozes, para seguir percursos do texto, como assinala Petronilha Silva (2014, p. 9), “[...] reconstituídos em conversas, pesquisas, rememorações de oportunidade de formação, de tensões do ato de ensinar, de desafios próprios ao confronto com visões de mundo que não lhes são familiares, de resistências para manter identidades próprias”, vamos nos colocar à escuta da professora Rosiete Corrêa Siqueira. Ela nasceu no dia 14 de abril de 1958, na comunidade de Itajurá, no município de Colares, filha de agricultores; desde seus sete anos, cuidava dos afazeres da casa e de seus irmãos menores. Rosiete, na sua infância, convivia no circuito escolar, pois a sala de sua casa era também espaço de uma sala de aula, assim como servia de hospedaria para os professores da comunidade.

*Minha infância foi muito boa e divertida, o tempo do brincar era reservado. Até hoje, tenho inscritas em meu corpo as cicatrizes como testemunhas das brincadeiras infantis. Meus pais eram pessoas muito preocupadas com a formação escolar dos filhos, aspecto que explica o porquê de todos terem conseguido*

*concluir o 2º grau. Cheguei a fazer até a 3ª série na comunidade em que nasci, e aos 13 anos, ao conhecer meus padrinhos, que eram fazendeiros da região mas moravam em Belém, com a permissão de meus pais, deixei minha terra e fui morar na capital. Como já havia terminado o 1º semestre em Belém, não foi possível mais vaga em escola pública, concluí o ano estudando em uma escolinha particular. A mudança de lugar e instituição escolar me fez perceber que tinha muitas dificuldades para acompanhar o desenvolvimento da turma, mas com meu esforço consegui superá-las. No ano seguinte, iniciei a 4ª série em escola pública e assim fui até a conclusão do 2º grau, formando-me em técnica de laboratório. Concluído o curso técnico, sai da casa de minha madrinha e passei a morar com amigas e trabalhar em uma loja, quando comecei a ganhar meu primeiro salário, pois, até então, só trabalhava como doméstica sem salário.*

Nunca foi plano de Rosiete ser professora, seus interesses eram voltados para a área da saúde, porém a vida lhe traçou outros destinos. Depois do segundo convite de sua prima Maria Dilma, que já era professora em Melgaço e, naquele momento, exercia o cargo de diretora escolar, nossa interlocutora foi se encantando com as histórias do lugar e com a possibilidade de garantir um emprego fixo e melhorar a remuneração.

*Decidi, então, mudar de vida, entreguei meu cargo de vendedora na Marmobrás e em 1983 fiz minha história tomar novos rumos: migrei como minha prima para Melgaço. Abandonei o sonho de ser médica e fui viver a experiência de ser professora em terra distante e desconhecida. Sem a formação em magistério, enfrentei muitos desafios, mas sempre busquei superá-los, lendo e trocando experiências com as colegas. Um desejo caminhava comigo: assim que fosse possível iria me especializar na nova profissão.*

Nessas mais de três décadas em que vive em Melgaço, a professora Rosiete fez o curso de magistério, licenciou-se em História pela Universidade Federal do Pará – Campus de Soure –, e especializou-se em Gestão Escolar pela Universidade da Amazônia. Até 2014, ela exerceu a função de diretora na única escola estadual do município, porque está encaminhando o processo de aposentadoria do estado, mas continua no ofício docente pela rede municipal.

Na próxima seção, acompanharemos o diálogo polifônico entre as vozes de intelectuais da migração, das professoras e de nós, pesquisadores, acerca das motivações, razões, sentidos e significações elaboradas à experiência do deslocamento das professoras migrantes de Belém para Melgaço. É preciso não esquecer, todavia, que em última instância a autoridade da escrita pertence ao

pesquisador, que detém o arbítrio de organizar, concatenar e analisar conteúdos e sentidos dos textos escritos e orais com os quais opera. Por adotarmos a cartografia como caminho orientador na feitura textual, esforçamo-nos para permitir a escuta das vozes de Dilma, Wilma e Rosiete em suas singularidades e relações.

## Longe da “rocha-mãe”: sentidos da migração

[...] eles são os grãosinhos de areia arrancados à rocha-mãe pela ação de um vento que assopra numa longa tempestade e que, transplantados para longe, acabaram constituindo, assim que encontraram o primeiro acidente de terreno, essa imensa ‘duna’ em que hoje se transformaram os imigrantes. (Sayad, 1998, p. 72).

A expressão metafórica de Sayad nos faz refletir acerca da constituição do território brasileiro. Os lugares que formam essa nação são espaços de molduras abertas compostas por rostos oriundos de vários povos e culturas, o que faz ver um retrato rico de diversidades social, cultural, étnica, política, religiosa, entre outras que vão surgindo no movimento de entradas e saídas de gentes, histórias, cultura material e imaterial, significações e subjetivações. Em outras palavras, cada lugar desse imenso país tornou-se um “acidente de terreno” para que “os grãosinhos de areia” pudessem transformar-se em “duna” de imigrantes. Bhabha (2003, p. 198), rememorando sua própria trajetória acerca da formação da nação moderna, escreveu: “Vivi aquele momento de dispersão de povos que, em outros tempos e em outros lugares, nas nações de outros, transforma-se num tempo de reunião”. No diálogo com Marandola Jr. e Dal Gallo (2010), críticos da teoria clássica da migração que reduziu esse complexo processo à “[...] estruturação produtiva do capital e de suas necessidades”, aprendemos que variados foram os períodos, diversos foram os sujeitos e razões a fomentar a dinâmica migratória em solo brasileiro. Para além de um processo imigratório internacional, o país experimentou deslocamentos entre regiões. Campos (2011, p. 22) faz um apanhado dessa migração, situando períodos e lugares mais recorrentes.

Na década de 1930, foram significativos os processos migratórios dos estados do Nordeste e de Minas Gerais para São Paulo, enquanto os paulistas

iam se deslocando para o norte do Paraná, que, no período de 1930-60, recebeu um processo migratório muito intenso. Também os estados de Goiás, Pará e Mato Grosso passaram a ser atração para as migrações camponesas. Na década de 1970, o Paraná deixa de ser polo atrativo das migrações e o estado de Mato Grosso ocupa esse espaço.

O processo migratório que forma as molduras do Brasil revela um país em trânsito e profunda mestiçagem, pois assim como recebe os de fora, mesmo seguindo as restrições de acolhida, os de dentro estão em constante mobilidade. A presença do Pará no mapa das migrações contemporâneas permite dizer que elas são diversas e com diferentes motivos e rotas. Sem desejar reconstituir os momentos mais fortes desse processo, em diálogo com Alencar (2010, p. 109), é possível assinalar:

Falar sobre migração no estado do Pará implica recompor trajetórias de diferentes grupos sociais que, ao longo de séculos e em contextos políticos e econômicos distintos, buscaram a Amazônia como lugar de moradia, numa trajetória de migração que em muitos resultou em morte, na perda de identidades e no retorno ao lugar de origem.

Uma experiência singular migratória viveu o estado do Amapá no final da década de 1990. A revista *Veja* de 1º/12/1999 noticiou que aquele estado se transformou no maior polo de migração no Brasil, com destaque para paraenses e maranhenses. Nesse contexto, muitos professores marajoaras, motivados por melhores salários e estabilidade funcional, deixaram seus antigos empregos ou pediram licença sem remuneração e foram viver essa experiência na condição de professores migrantes. Quase duas décadas antes desse processo, sem participar de um movimento de deslocamentos mais amplos, mas a partir de dinâmicas internas, específicas e relacionadas à luta por uma vida melhor, realizações pessoais, profissionais e outras expectativas, algumas mulheres nativas de municípios paraenses, aqui considerados “rocha-mãe”, como Marapanim, Colares, Primavera, Santa Maria, Portel e Breves, partiram para Melgaço, carregando consigo a esperança de dias melhores em suas vidas a partir da prática docente.

A chegada das professoras, assim como de qualquer outro migrante, é traçada por encontros e desencontros na relação consigo, com o outro e com o lugar. Nesse contato, estranhamentos, choques culturais, negação e

aceitação passam a fazer parte dos sentimentos daquele(a) que chega. Como bem enfatiza Nobre (2009, p. 14),

[...] esse deslocamento não ocorre sem deixar marcas, pois o migrante experimenta processos conflituosos, tensos, de perda do território ou das relações cotidianas, processos esses que dão origem a um sentimento de desenraizamento ou desarraigamento.

Experienciar a migração parece ser condição *sine qua non* da vida moderna e pós-moderna. Razões e motivações que explicam os deslocamentos misturam-se a sentimentos de expectativas, esperanças, saudades, medos, encontros, desencontros. Tudo isso é atravessado por tempos e lugares. Wilma Vilar, oriunda do município de Marapanim, experimentou a vida em Belém como doméstica na casa do deputado Domingos Juvenil, mas conseguiu fazer o magistério. Ao tomar conhecimento de que a Secretaria Estadual de Educação estava contratando professores para o município de Melgaço, decidiu colocar-se em trânsito. Aspecto simbólico para o seu processo de identificação e incentivo para exercer a docência no Marajó por parte do juiz de Melgaço, revelou-se em suas vestes.

*Um dia eu ia passando e estava com a farda do IEP (Instituto de Educação do Pará). O Dr. Jair, que morava próximo da casa onde eu habitava, viu três estrelas e perguntou se eu estava terminando o magistério, isso era mais ou menos em novembro, eu disse que estava. Ele, então, perguntou: 'Você não quer trabalhar no Marajó em Melgaço?'. Eu fiquei pensando e disse: 'Eu não sei. Para onde fica?', ele disse: 'É no Marajó, lá você vai ser bem recebida'. Até então, eu estava pensando em trilhar outras coisas.*

O convite e o desejo de enfrentar o desconhecido para construir outras experiências de vida expressam motivações iniciais que fizeram de Wilma um ser migrante. Desse modo, é possível acompanhar Tanus (2002, p. 242) ao dizer que “[...] a raiz se desprende do solo que parecia propício à germinação da semente. De novo à flor da terra, novamente à flor da pele. A esperança tem que se fazer presente, de alguma forma, no coração do migrante”. Em sua fala poética, a pesquisadora convida a pensar no conjunto de sentimentos que emergem em momentos-limite da existência humana, a exemplo de um convite inesperado, como o recebido pela entrevistada para desfazer antigos sonhos e construir novos sentidos para sua existência com a iminência da migração para Melgaço.



Com base na ideia de que “A esperança tem que se fazer presente, de alguma forma, no coração do migrante”, assinalamos que a professora Wilma, para dizer o sim ao processo migratório, encontra nesse sentimento ajuda frente a possíveis desafios que iria enfrentar em solos distantes, assim como sentidos para ressignificar modos de vida, saberes e relações fundamentais de seu estar no mundo.

Então, ela disse “sim, eu aceito, eu quero trabalhar em Melgaço”. *A minha expectativa era de melhorar meu salário, ajudar mais a minha mãe, o meu filho que ficou, para eu poder mandar dinheiro e as coisas para eles [emocionada]. Mas eu também queria mais para a minha vida, eu não queria ficar só naquilo, mas no primeiro momento foi melhorar o meu salário, a minha condição de vida. Eu tinha um desejo de me ver chamarem ‘professora Wilma’, eu comecei a criar essa nova identidade, por onde eu passava diziam: ‘Olha, essa aqui é a professora Wilma.’*

Entre necessidade material e desejo existencial, Wilma Vilar traduz no presente sentidos do que para ela explica seu ato de partir e construir identidade docente. Possivelmente, naquele contexto, outros horizontes de expectativas fizeram parte do deslocamento. No “pluriverso” da experiência vivida no passado e recuperada a partir da história de vida no presente, a própria vida é reconstruída, revista e ressignificada, revelando o movimento de composição da identidade. Sayad (1998), ao tratar da identidade, diz que a migração deslocou a identidade do migrante, consequência de um duplo sistema de referência, o de lá e o de cá ou o de cá e o de lá. O autor acrescenta que, para ser restaurada a integridade de forma mais coerente sobre as múltiplas contradições vividas pelo migrante, faz-se necessário recorrer à socioanálise, um caminho fundamental para rastrear as diferentes dimensões da experiência migratória. Já para Demartini (2010, p. 50),

[...] o deslocamento pode ser resultado de um desejo/projeto de vida, motivado pelas complexas vivências enfrentadas por cada grupo que se desloca; mas há diferenciações pelas singularidades dos processos imigratórios e pelas diversificadas trajetórias desenvolvidas, mesmo quando se trata de uma mesma sociedade receptora, de um mesmo grupo de origem e do mesmo momento histórico.

A intelectual considera que o deslocamento ou o processo migratório é “resultado de um desejo ou projeto de vida” motivado por complexas

vivências e cada deslocar-se é singular pela especificidade dos rumos escolhidos, relações estabelecidas, recepções, concepções sociais, históricas, econômicas e culturais vividas nos encontros e confrontos de cada grupo ou pessoa migrante. Nesse entendimento, a trajetória da professora Maria Dilma ganha alinhavos.

*Olha, eu acho que é o destino [risos]. Não sei por que motivo. Foi uma questão de desafio, de querer voltar também, de querer voltar lá, eu não sei, alguma coisa me dizia que eu teria que voltar, porque eu já conhecia Melgaço, foi um lugar também acolhedor e era pequenininho na época, bem pequenininho e foi minha vontade, despertou esse interesse, somado ao financeiro, é claro! Eu acredito que as coisas foram se encaixando, numa espécie de ação do destino, porque eu cheguei numa quinta-feira em Melgaço, na sexta-feira eu conheci o meu futuro esposo, é impressionante, no sábado a gente começou a namorar e com ele vivi mais de 30 anos.*

Diferente de sua prima Maria Dilma Corrêa, que associa os sentidos do deslocamento a desígnios do destino, a inquietações de ordem transcendental ou a uma espécie de chamado porque ali encontraria um grande amor com quem viveria os momentos mais especiais de sua vida, mesmo sem desconsiderar o aspecto financeiro, Rosiete Siqueira narra e interpreta sentidos da experiência migratória dentro de outras expectativas.

*Para vir para Melgaço aconteceu da seguinte forma: no início de 1983, eu ainda estava trabalhando na Marmobrás, foi quando encontrei a minha prima Maria Dilma, que me lançou o convite para vir trabalhar em Melgaço. Nesse período, já estava exercendo o cargo de diretora da Escola Bertoldo Nunes e me falava das experiências daqui de Melgaço, das pessoas, dos passeios que elas faziam de barco, das amigas que tinha, do apoio da prefeitura. De todas as coisas que me falou e fiquei encantada, então ela até brincou comigo. 'Rosiete, vamos para lá, quem sabe tu não vais conhecer um fazendeiro também, e tal'. Eu disse: 'É mesmo!'. E respondeu: 'Vais ver que tem muita fazenda e vais gostar muito!'. Eu disse: 'É verdade?'*

Os motivos que fizeram Rosiete migrar para Melgaço ultrapassam a ideia de uma dinâmica forçada, a única saída para a sobrevivência, denunciada por Demartini (2010). Nas linhas da autora, é possível visualizar que também se migra para construir um novo projeto de vida, realizar sonhos, desvelar o estranho e viver novas aventuras. Na experiência da professora Rosiete, a motivação da partida aparece como uma provocação para o casamento com um fazendeiro marajoara, rico e poderoso.

Contudo, foi a necessidade de conseguir um emprego melhor, ganhar estabilidade funcional e tornar-se uma profissional formada e reconhecida que falou mais alto no fim de nossa entrevistada. Para Sayad (1998, p. 55) “foi o trabalho que fez ‘nascer’ o imigrante”. Nesse entendimento, migração e trabalho estão intensamente imbricados, fundidos e interconectados. O trabalho é o principal promissor para incentivar ou desmotivar o processo migratório. A migração aparece nesse argumento como a busca de melhor qualificação, aprimoramento e estabilização para o trabalho. Contrariamente, a não migração é a confirmação de condição estável no trabalho em terra própria. Essa tese corrobora o principal motivo que fez as professoras aceitarem o convite para viver em Melgaço, mas, em situações diferentes, migrações, diásporas e exílios ocorrem por outras razões.

Nubia Hanciou (2009, p. 125), por exemplo, partindo da problematização de como compreender a trajetória voluntária de imigrantes e exilados que são empurrados para fora de seu país e lugar de origem por uma “[...] força interior, pela necessidade de ‘outra coisa,’ sem que possa[m] defini-la por completo, sem entretanto cortar as pontes com o país de origem”, analisa sentidos do exílio de artistas e escritores que contam sua condição exilar, conformada por “passagens, despaisamento e pertença a várias culturais” (Hanciou, 2009, p. 134).

Quando se mapeia na literatura especializada outras motivações capazes de provocar fenômenos migratórios, emergem catástrofes ambientais, falta de trabalho, ou desastres naturais. Isso nos leva a perceber um distanciamento do pensamento de Demartini quando referenda que o deslocamento pode acontecer por um desejo ou projeto de vida, sem, no entanto, deixar de compartilhar com Sayad: “foi o trabalho que fez ‘nascer’ o imigrante”, a buscar melhores condições para garantir a existência. O incentivo de casar com um fazendeiro, inicialmente apresentado como uma brincadeira a Rosiete por sua prima Dilma, somou-se ao acervo de concessões como direito a casa, ajuda de custo e funcionária para cuidar da residência dos professores, apetitivos que a gestão pública de Melgaço ofertava para atraí-las ao município.

*As expectativas foram tremendas, quando acordei estava na baía de Melgaço. Eu ficava imaginando o que me aguardava nessa nova terra. Quanto à docência, a minha preocupação era se eu iria dar conta de ensinar os conteúdos propostos para a 4ª série e como seriam esses jovens. Como eu iria me relacionar com eles? Eles iriam me obedecer? Pois a ideia de ser professora era ter uma boa idade, apesar de ter 25 anos eu aparentava ser bem jovem e frágil.*

*Outra coisa que me preocupava era se os alunos perceberiam se eu estava segura daquilo que explicava.*

A narrativa da professora Rosiete acerca da expectativa criada em torno do lugar que iria habitar e trabalhar articula-se à compreensão desenvolvida por Tanus (2002) em pesquisa de doutoramento, ao denominar os interlocutores de “[...] heróis anônimos, os migrantes-professores, ao saírem em busca de melhores condições de vida, realizam a saga iniciática em busca de si mesmos” (Tanus, 2002, p. 11). Sem negar a relação migração-trabalho, semelhante ao que ocorre com as professoras Wilma, Dilma e Rosiete, a pesquisadora deixa ver que o trabalho torna-se o ponto referencial de encontro e desencontro com o eu.

Para pertencer a grupos é preciso sofrer diferentes processos. [...] O migrante se equilibra sobre o fio da navalha. Fechando-se será para sempre estrangeiro. Abrindo-se, incorpora-se as tribos e poderá tornar-se, de certa forma, ‘poderoso’, ser uma força na comunidade, estabelecer alianças com pessoas da região, nativos da cidade. (Tanus, 2002, p. 81).

Estranhamento, diferença, medo, desafio, aceitação e negação são alguns dos sentimentos que podem brotar à flor da pele daqueles que chegam, mas também não se pode olvidar essas reações naqueles que estão ou lá ficaram. A chegada é sempre marcada pelos (des)encontros e confrontos de saberes, modos de ser e viver. Nessa dinamicidade, é necessário falar de trocas de experiências, culturas, linguagens, relações de poder e posição social.

A necessidade de pertencimento integrava o universo de expectativa das professoras migrantes. “Sentir o pertencimento é mais do que um desejo, é uma necessidade para aqueles que se deslocam” (Nobre, 2009, p. 115). A migração não é somente o deslocamento, a troca de lugar, está para além do espaço geográfico, ela é carregada de significados, de simbologias, por isso, junto com o migrante vem toda sua trajetória de vida expressa no seu modo de ser, colocar-se no mundo e os desejos de ser aceito pela comunidade hospedeira.

As preocupações de Rosiete acerca das representações que moradores e alunos de Melgaço teriam sobre sua pessoa revelam que buscar um novo lugar para morar e um novo trabalho é ir “em busca de si mesmo”. Conquistar a estabilidade profissional é encontrar-se consigo e tornar-se alguém situado na profissão e no meio geo-histórico em que está inserido. Mas a vivência que as professoras compartilharam entre si e com moradores e alunos não foram

tranquilas. Os primeiros anos foram os mais difíceis. Wilma, Dilma e Rosiete relatam que a sociedade local tinha uma enorme admiração pelas professoras, mas elas não poderiam “mijar fora do caco”, porque seriam questionadas.

Sarraf Pacheco (2006), analisando memórias de Rosiete Siqueira, aponta que quem aportava em Melgaço na década de 1980 como professor era profundamente observado pela comunidade local. Havia um imaginário social que orientava as representações do ser professor. “Esperava-se desses profissionais não apenas o desenvolvimento de um bom trabalho com os alunos, mas também que se tornassem exemplo de um comportamento social aos padrões do povoado. Transgredir tais padrões era motivo de escândalo” (Sarraf Pacheco, 2006, p. 144).

Choque cultural e estranhamento estabelecidos nas relações de contato parecem fazer maior sentido quando analisamos o modo como a sociedade melgacense interagiu com algumas atitudes das professoras, como namorar no cais da cidade, andar de bermuda pela rua, ir aos bailes, ingerir bebidas alcóolicas. Isso faz concordar que os migrantes “se equilibra[m] sobre o fio da navalha” (Tanus, 2002, p. 81). Demartini (2010) defende a ideia de que os migrantes são recepcionados de acordo com o “capital” representado para a sociedade que os recebe. Dessa forma, a aceitação e as relações estabelecidas são diferenciadas.

As professoras migrantes viveram tal situação, apesar de sofrerem com o choque cultural e o estranhamento, mas o fato de virem da capital do estado do Pará para serem professoras em Melgaço lhes atribuiu certo capital social e referência na sociedade. Participavam de encontros com políticos, de reuniões na igreja católica, de jantares nas casas de empresários e começaram a assumir cargos importantes no contexto educacional. Elas envolviam-se nos principais acontecimentos da cidade.

Com isso, não se pode pensar o migrante como um ser passivo, já que ele busca o confronto em suas estratégias de luta pela permanência e pela aceitação do grupo. Para exemplificar, as professoras viveram situações delicadas e conflituosas tanto com a comunidade, quando chegaram, quanto com o governo municipal, especialmente na década de 1990, mas garantiram, por meio de suas artimanhas e estratégias, meios de diálogo e negociação com ambos. Nobre (2009, p. 113-114), quando trata das estratégias de conquistas, menciona que, mesmo diante das fragilidades do deslocamento, respeitar o outro em sua diversidade torna-se uma exigência, “[...] uma vez que cabe também ao professor o desafio da inclusão, de si e dos outros, o que exige então a busca de novos itinerários, espaço e tempos de aprendizagem adaptados à diversidade”.

A conquista das professoras migrantes em Melgaço, com base nos relatos de suas histórias de vida, aconteceu por meio do envolvimento no trabalho e na comunidade. Foi o compromisso com a profissão que contribuiu para alcançarem respeito, admiração e aceitação dos moradores e, dessa forma, justificar sentidos de sua permanência naquela terra por tantos anos.

## Desembarque

A cartografia de memórias que procuramos urdir na confecção deste artigo baseou-se em entrevistas realizadas com as professoras migrantes Dilma, Wilma e Rosiete em dois distintos momentos na última década (2003/4 a 2013/4). Fundamentamo-nos na história oral como campo teórico-metodológico que, ao se colocar à escuta do outro, constrói compartilhadamente processos de afetação de lá e de cá e, portanto, subjetivações que interferem na forma como o entrevistado organiza suas lembranças, produz e socializa saberes de vida em polifonia.

Para o empreendimento almejado, baseamo-nos em aspectos das histórias de vida das professoras, com destaque para lembranças dos motivos da partida de Belém para Melgaço nos primeiros anos da década de 1980, bem como contatos, representações e relações construídas entre si e com a comunidade local. Na visão de Souza (2006, p. 27), trabalhar com histórias de vida ajuda a refletir sobre quem somos, “[...] as aprendizagens que construímos ao longo da vida, das nossas experiências e de um processo de conhecimento de si e dos significados que atribuímos aos diferentes fenômenos que mobilizam e tecem a nossa vida individual/coletiva”.

Do ponto de vista da produção da narrativa oral, as professoras acionaram saberes, valores, convicções, desejos, cosmovisões construídas em suas trajetórias de vida, tanto na terra natal, Belém, quanto em Melgaço no correr desses mais ou menos 30 anos. Contudo, não “resgataram” um passado tal e qual foi vivido, mas examinaram, pela arte e dinâmica dos jogos do lembrar/esquecer/selecionar, os percursos trilhados, atravessadas por visões, frustrações, críticas e expectativas do presente.

Adentrando avaliações sobre a temática do deslocamento, podemos dizer que, com a narrativa das professoras, apreendemos que a migração é uma prática sociocultural extremamente complexa, porque mobiliza, além das condições materiais, fatores psicológicos, afetivos, espirituais. Sayad

(2000, p. 11) “[...] afirma que o imigrante [...] só deixa de sê-lo quando não é assim denominado e, conseqüentemente, quando ele próprio assim não mais se denomina, não mais se percebe como tal”. Em Demartini (2010), a ideia de ser migrante está para além do “deslocamento”. O ser migrante é um estado de aceitação ou negação, portanto, faz parte da subjetividade, da forma como cada um se denomina. É o olhar de si para dentro de si na relação com o lugar e com a sociedade.

O deslocamento da “rocha-mãe” para terra não familiar, seja qual for a motivação, sempre vai trazer sensações de encantamento ou desencantamento no encontro com o outro e com o lugar. Nas bagagens das professoras migrantes viajaram equipamentos materiais e capitais simbólicos, sociais ou culturais, os quais utilizaram em negociações e adaptações às novas relações vividas ou projetos que foram traçados na esperança de tornar a vida melhor em Melgaço.

Nos rastros desse pensamento, a representação do lugar para o que chega é descrita por Tanus (2002) como território de passagens sempre movimentado; encantamento desconhecido e por isso fascinante, mas também terra de medo, incerteza. Nesse contexto, Sayad (1998) ajuda a discutir a concepção de espaço para o migrante. Ele traz ao debate o aspecto solidário da partilha do lugar como fator fundamental para mostrar a sociabilidade e acolhida entre os que chegam. Essa é uma marca presente entre as professoras migrantes que chegaram a Melgaço. Elas dividiam a mesma moradia, residência conhecida como a casa dos professores, território que se pereniza ainda hoje, mesmo que nenhuma delas more naquele lugar. Ali dividiram pertences, sonhos, lutas, problemas e conquistas. Nesse sentido, a casa dos professores tornou-se, para Wilma, Dilma e Rosiete, ambiente em que perpetuaram sua condição de migrantes. Podemos dizer que somente quando contraíram laços matrimoniais e foram residir em suas próprias habitações é que, na prática, vestiram a identidade melgacense.

O conjunto das narrativas socializadas por Wilma, Dilma, Rosiete e o diálogo com as pesquisas de Sarraf Pacheco (2006, 2013) fizeram perceber que a história da educação de Melgaço está associada aos circuitos de professoras migrantes. O historiador marajoara em pesquisas nos arquivos da Delegacia de Polícia de Melgaço (Depol) descobriu inúmeros documentos referentes à administração local nas décadas de 1960 e 1970. Entre esses documentos, encontrou nomeações de professoras oriundas de outros municípios paraenses.

Além de documentos oficiais, o pesquisador ainda interagiu com depoimentos orais que trouxeram à tona lembranças das primeiras professoras migrantes que chegaram a Melgaço a partir da década de 1960, quando o município conseguiu sua autonomia política diante da dominação de Breves e Portel. De posse das informações reunidas, Sarraf Pacheco (2013, p. 54) escreveu:

A partir de 1968, com a construção da 1ª escola estadual na sede do município e a contratação de três professores de Belém, em 1970, plantam-se as primeiras sementes do processo educacional na sede do município, de acordo com os comentários de Hermógenes F. dos Santos. No caderno de memórias de seu Mamede, essas professoras vieram do município de Capanema e todas eram normalistas. A professora Maria Bezerra da Silva, conhecida pela população como Jura, assumiu o cargo de diretora da Escola Bertoldo Nunes; Maria Leite Rosas da Silva (Nena) e Delzirene foram lotadas com o cargo de professora.

A história da educação na cidade de Melgaço, após seu processo de emancipação em 1961 até meados da década de 1990, foi tecida pelas mãos de professoras migrantes. Nos depoimentos recuperados por Sarraf Pacheco (2006, 2013) estão vivas as histórias tecidas com as primeiras professoras oriundas de outros lugares que faziam moradia e exerciam a profissão em Melgaço. Um grupo chegou à cidade para acompanhar a família e depois se tornaram professoras, outras aportaram exclusivamente para o exercício da docência.

O processo de migração de professoras para esse município desvelou-se em dois momentos. O primeiro ocorreu em 1971, quando chegaram ao município quatro professoras da cidade de Capanema para trabalhar na Escola Estadual Bertoldo Nunes, cujo prédio foi inaugurado em 1968. O segundo momento de migração se deu na década de 1980, quando chegou um número mais significativo de profissionais para fazer parte da trajetória educacional do município.

Desde a década de 80 do século XX, momento de forte migração de profissionais para as cidades marajoaras, no contexto da chamada 'abertura política do país', vários professores chegaram nessa 'cidade-floresta' para exercer funções docentes, lutando pela melhoria da qualidade de ensino na localidade. Algumas professoras permaneceram, apesar das perseguições enfrentadas na década de 1990 pela administração pública, por não concordar



com suas atitudes e cobranças; outras, não suportando tal situação, retornaram para seus municípios ou foram trabalhar em outros lugares. (Sarraf Pacheco, 2006, p. 142).

Foi no segundo momento da migração de professoras para Melgaço que as entrevistadas de nossa pesquisa chegaram para construir suas histórias com o lugar e com a educação do município. Elas são as professoras que “[...] permaneceram, apesar das perseguições enfrentadas na década de 1990 pela administração pública” (Sarraf Pacheco, 2006, p. 142). Por suas opções de vida e profissão, assumiram variados desafios e defenderam diversas bandeiras de luta, entre elas a melhoria da qualidade da educação, políticas de formação, garantia dos direitos profissionais, além de permanentes afirmações pela própria vida em terra que foi se tornando familiar. Essas mulheres professoras saíram de seus locais de origem, umas desde criança, outras na juventude, em busca de realizações de seus sonhos e foi nessas idas que se encontraram com a cidade de Melgaço e nela fizeram-se professoras.

Os fatores considerados como justificáveis para um número significativo de migrações de professores para Melgaço pautavam-se na carência de formação dos filhos da terra para exercerem a profissão de professor, na ampliação da demanda estudantil, nas exigências de direito à educação e na necessidade de promover a expansão e melhorar a qualidade da educação no município. De acordo com pesquisa desenvolvida por Baia Sarraf (2003), é possível compreender o percurso que o município realizou no processo de formação de professores para atuarem no ensino fundamental e, posteriormente, no ensino médio.

Em últimas palavras é preciso anotar que o estudo mostrou a trajetória da migração das professoras para o município de Melgaço e a contribuição dada ao desenvolvimento da educação na cidade, recuperado pelos saberes apreendidos com a história oral como campo teorico-metodológico interdisciplinar cujo diferencial está no fato de que a fonte não está pronta (Portelli, 1997), mas se constrói na relação entre-vista entrevistador e entrevistado. Com isso, exige-se que mobilizemos diversos procedimentos e, acima de tudo, a arte de saber ouvir o outro. Destarte, foi nas teias do processo de embarques e desembarques em histórias de vida em devires que ocorreu a (re) construção da formação das identidades das mulheres migrantes ao fazerem-se professoras e moradoras de Melgaço, no arquipélago de Marajó.

## Referências

ABRAHÃO, Maria Helena Barreto. *Identidade e vida de educadores rio-grandenses: narrativas na primeira pessoa (... e em muitas outras)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

ALARCÃO, Isabel. Prefácio. In: ABRAHÃO, Maria Helena Barreto. *Identidade e vida de educadores rio-grandenses: narrativas na primeira pessoa (... e em muitas outras)*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004, p. 7-13.

ALBERTI, Verena. *História oral: a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: CPDOC, 1989.

ALENCAR, Edna Ferreira. Gente de todas as paragens: retratos da imigração no Pará. In: CANCELA, Cristina Donza; CHAMBOULEYRON, Rafael (Org.). *Migrações na Amazônia*. Belém: Açaí, 2010. p. 107-129.

ALEXANDRE, Ivone Jesus. Professoras Migrantes em Mato Grosso. In: CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 9., Salvador. *Anais...* Salvador: UFBA, ago. 2011. p. 1-10.

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

\_\_\_\_\_. Mulheres na educação: missão, vocação e destino? A feminização do magistério ao longo do século XX. In: DERMEVAL Saviani et al. (Org.). *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas: Autores Associados, 2004. v. 1, p. 59-108.

BAIA SARRAF, Ilca Pena. *Professores, pais e ex-alunos: memórias e experiências do Magistério em Melgaço-PA (1990-2001)*. 164 p. Monografia (Conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia) – UFPA, Breves, PA, 2003.

BHABHA, Homi. Disseminação: o tempo, a narrativa e as margens da nação moderna. In: \_\_\_\_\_. *O local da cultura*. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. p. 198-238.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1992.

BURKE, Peter. *O que é história cultural*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BURNIER, Suzana et al. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 343-358, 2007.

CAMPOS, Maria das Graças. Professoras migrantes de Campo Verde no encontro da fronteira. *Revista LetrasMil*, Cuiabá, v. 1, n. 2, p. 95-109, dez. 2011.

CLIFFORD, James; MARCUS, George E. (Org.). *Writing culture: the poetics and politics of ethnography*. Berkeley: University of California Press, 1986.

COSTA, Cléria Botelho da. A escuta do outro: dilemas da interpretação. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 47-65, jul./dez. 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil plátos: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. v. 1 e 2.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Imigrantes: entre políticas, conflitos e preconceitos. *Cadernos CERU*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 49-75, dez. 2010.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

FIORIN, José Luiz (Org.). *Dialogismo, polifonia, intertextualidade*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

HANCIOU, Nubia. Identidades Deslocadas. In: ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *Migrações teóricas, interlocuções culturais: estudos comparados (Brasil/Canadá)*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009. p. 125-146.

HISSA, Cássio Eduardo Viana. *Entrenotas: compreensões de pesquisa*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

JARDIM, Ninon Rose Tavares. *Mulheres entre enfeites & caminhos: cartografia de memórias em saberes e estéticas do cotidiano no Marajó das Florestas (S. S. da Boa Vista-PA)*. 225 p. Dissertação (Mestrado em Artes) – UFPA, Belém, PA, 2013.

MALUF, Marina. *Ruídos da memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MARANDOLA JR., Eduardo; DAL GALLO, Priscila Marchiori. Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. *Revista Brasileira dos Estudos de Populações*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 407-424, 2010.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura*. São Paulo: Loyola, 2004.

NOBRE, Elisa Cléia Pinheiro Rodrigues. *Histórias de vida de professores migrantes: culturas e contextos de Mato Grosso do Sul*. 135 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – UFMS, Campo Grande, MS, 2009.

OLIVEIRA, Thiago Rannierv de; PARAISO, Marlucy Alves. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. *Pro-Posições*, Campinas, v. 23, n. 3, p. 159-178, 2012.

OLIVEIRA, Valeska Fortes de. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. *História Oral*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 91-106, jan./jun. 2005.

PORTELLI, Alessandro. A filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 59-72, 1996.

\_\_\_\_\_. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

\_\_\_\_\_. Forma e significado na história oral: a pesquisa como um experimento em igualdade. *Projeto História*, Campinas, n. 14, p. 7-24, fev. 1997.

RODRIGUES, Hilsa; GOLDMAN, Marcio (Org.). *Do lado do tempo: o terreiro de Matamba Tombenci Neto (Ilhéus, Bahia) – histórias contadas a Marcio Goldman*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, 2010.

SARRAF PACHECO, Agenor. *À margem dos marajós: cotidiano, memórias e imagens da “cidade-floresta” Melgaço-PA*. Belém: Paka-Tatu, 2006.

\_\_\_\_\_. No rastro da memória: trajetórias e desafios da educação em Melgaço-Pa. In: ABREU, Waldir Ferreira de et. al. (Org.). *Educação ribeirinha: saberes, vivências e formação no campo*. 2. ed. Belém: GEPEIF-UFPA, 2013. p. 43-69.

SAYAD, Abdelmalek. *A imigração*. São Paulo: Edusp, 1998.

\_\_\_\_\_. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia: Revista do Migrante*, São Paulo, v. 13, p. 3-14, jan. 2000.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Prefácio. In: ALVARENGA, Marcia Soares de et al. (Org.). *Vozes da educação: formação docente – experiências, políticas e memórias polifônicas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014. p. 9-12.

SIMÕES, Vanessa Cristina Ferreira. *Ideadores de bicitaxi: cartografia de experiências estéticas em modos de viver e fazer bicitaxis na Veneza Marajoara (Afuá-PA)*. 242 p. Dissertação (Mestrado em Artes) – UFPA, Belém, PA, 2014.

SOUZA, Elizeu Clementino. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. *Revista Educação em Questão*, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

\_\_\_\_\_. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto)biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *Educação*, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014.

TANUS, Maria Ignez Joffre. *Mundividências: história de vida de migrantes professores*. São Paulo: Unic; Zouk, 2002.

THOMSON, Alistair. Reconstituo a memória: questão sobre a relação entre história oral e as memórias. *Projeto História*, Campinas, v. 15, p. 51-71, nov. 1997.

VEIGA-NETO, Alfredo. É preciso ir aos porões. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 50, p. 267-282, maio/ago. 2012.

**Resumo:** Neste artigo, com base em narrativas orais de três professoras paraenses – Wilma Vilar, Dilma Corrêa e Rosiete Siqueira, oriundas da região do Salgado e com vivências em Belém (PA) –, analisamos sentidos da prática migrante dessas mulheres para Melgaço, no ocidente marajoara, a partir da década de 1980 e a sua contribuição à consolidação da educação local. Partimos do campo teorico-metodológico da cartografia, nas interfaces com a memória, capturada em histórias de vida, para explorar noções como deslocamento, conflito e identidade. No processo de feitura do texto, procuramos evidenciar complexidade, autoria e interpretação dos depoimentos coletados, inter-relacionando-os às subjetividades e lugares socioculturais de onde escrevemos e interpretamos. Nesse processo, o texto científico emerge como um enredo polifônico de vozes intelectuais e migrantes para contar dimensões do viver de mulheres amazônicas nas teias da rememoração.

**Palavras-chave:** cartografia, migração, memória, identidade, Melgaço.

#### **Cartography of polyphonic memories: meanings of teachers migration to Melgaço**

**Abstract:** In this article, based on oral narratives of three teachers from Para, Brazil – Wilma Vilar, Dilma Corrêa and Rosiete Siqueira, originating from the Salgado region and with experiences in Belem –, we analyze the meanings of the migrant practice of these women to Melgaço, from the 1980s, and their contribution to the consolidation of local education. Based on the theoretical-methodological field of cartography interfaced with memories captured on life stories, we explore the concepts of displacement, conflict and identity. In the text making process, we sought to show complexity, authorship and interpretation of the collected testimonies, interrelating them to our subjectivities and socio-cultural places where we write and interpret. In this process, the scientific text emerges as a polyphonic scenario of intellectual and migrant voices in order to tell the dimensions of living of Amazon women in the webs of remembrance.

**Keywords:** cartography, migration, memory, identity, Melgaço.

Recebido em 1º/03/2015

Aprovado em 04/05/2015